

LÍNGUA MATERNA, LÍNGUA ESTRANGEIRA E PSICANÁLISE: UM OLHAR OUTRO PARA A QUESTÃO DA APRENDIZAGEM

Denise Souza Rodrigues GASPARINI¹

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é discutir as possíveis articulações entre as línguas materna e estrangeira partindo do conceito de *lalangue*. De acordo com o quadro teórico ao qual nos filiamos, este conceito é o elemento organizador da relação entre as línguas. Consideramos que uma língua estrangeira só pode ser apreendida por um sujeito após uma inscrição primitiva do campo simbólico feita por sua língua materna. Esta inscrição prévia, fundada em *lalangue* e em suas operações, faz os efeitos desta *lalangue* reverberarem tanto em uma língua estrangeira quanto nos processos de aprendizagem desta, na relação que será estabelecida entre o aprendiz e esta nova prática complexa. Um vez incluída a suposição de *lalangue* em nossa discussão, as línguas materna e estrangeira não podem mais ser tomadas como sistemas fechados e separados, mas tornam-se extensões/prolongamentos umas das outras, podendo, ambas, oferecer sua materialidade significante para a emergência do sujeito do inconsciente.

Palavras-chave: *Lalangue*, língua materna, língua estrangeira.

ABSTRACT: The objective of this paper is to discuss the possible interrelations between mother tongue and foreign language concerning the concept of *lalangue*. According to the theoretical framework adopted in this article, *lalangue* organizes the relation between both languages. We believe that any foreign language can only be learned once there is a primitive inscription of the symbolic field due to the mother tongue. This previous inscription, founded on *lalangue* and on its operations, affects both the foreign language and the learning of the foreign language, that is, the relation between the learner and this new complex practice. Once *lalangue* is included in our discussion, the mother tongue and the foreign language can no longer be taken as closed and separate systems. Instead, they become necessarily interrelated, and can offer their signifiers to the emergence of the unconscious subject.

Key-words: *Lalangue*, mother tongue, foreign language.

Algumas das principais preocupações de professores e pesquisadores da área de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, campo de estudo vinculado à Lingüística Aplicada, refere-se a duas constatações que assombram suas práticas profissionais e que foram tão bem detectadas e apontadas por Christine Revuz (2002): A primeira se refere aos “*resultados globalmente medíocres da aprendizagem escolar de línguas*” (p. 214), que, segundo a autora, “*se destaca primeiramente pela sua taxa de insucesso*” (p. 213), quer no ensino regular quer em institutos de idiomas. A segunda diz respeito aos “*alunos brilhantes e (...) [aos] refratários*” (p. 216) produzidos em/por toda/o e qualquer abordagem/método que se proponha a ensinar idiomas estrangeiros.

¹ Aluna do mestrado do programa de pós-graduação em Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP, sob a orientação da Prof^a. Dra. Maria Rita Salzano Moraes.

Revuz (*op. cit.*) indica, ainda, a generalidade desta situação desconfortável ao afirmar que, em todo mundo, a mesma situação se repete e que isso demonstra que as abordagens e os métodos não levam em conta, quando de suas elaborações, as “*diferenças muito nítidas entre uma pessoa e outra, uma comunidade e outra*” (p. 214), se esquivando, assim, da reflexão sobre aquilo “*que se põe em movimento para um sujeito dado, ao enfrentar uma segunda língua chamada estrangeira*” (p. 216).

Como professora de língua estrangeira moderna (inglês), imersa nos discursos que relatam tal realidade e fortemente afetada por esta situação, que sempre aponta o fracasso da aprendizagem como consequência da inconsistência metodológica, do despreparo do profissional de idiomas ou, ainda, do puro e simples desinteresse do aprendiz, busco, neste trabalho, lançar um olhar diferente dos até então colocados sobre esta questão que tanto me afligiu ao longo de minha atuação em escolas regulares (públicas e privadas), cursos de idiomas e até mesmo em uma instituição de ensino superior, na formação de professores de inglês, refletindo sobre as implicações, para um sujeito constituído por linguagem, da relação estabelecida entre sua língua materna e uma outra, a estrangeira. Proponho, então, com este texto, acompanhando a iniciativa Revuz (*op. cit.*), observar as diferenças subjetivas quando do encontro com um idioma diferente do chamado materno, bem como examinar o que este encontro pode proporcionar a um sujeito que se dispõe a aprender uma segunda língua, levando em conta a “*dimensão afetiva*”² (p. 216) desse processo, e considerando também “*como o desejo (que desejo?) pode investir (...) na aprendizagem de uma prática*” (*idem, ibidem*), tal qual uma língua estrangeira.

Para tal, tomo como hipótese que o encontro do sujeito com uma língua estrangeira ocorre de maneira completamente única e singular, graças a uma relação necessária, que, conforme nos aponta Jacques Lacan ([1972-1973] 1985, p. 148), se caracteriza por não parar de se inscrever, que este idioma estranho mantém para com a língua primeira do sujeito, também inscrita em seu corpo de forma particular. Proponho considerarmos, ainda, que traços ímpares, marcados no sujeito pela língua da primeira infância, não cessam de ressoar e de ecoar, também, nas experiências de apreensão dos idiomas diversos, e isso, graças à constituição subjetiva e à estruturação do inconsciente, ambas vinculadas ao campo da linguagem, do qual as línguas são formas de manifestação, modos de realização.

² De acordo com a perspectiva deste trabalho o termo afeto/afetivo se refere aos efeitos do inconsciente e de seu trabalho sobre o eu/sujeito, se caracterizando por ser o que afeta um sujeito a despeito de seu entendimento, vontade ou controle.

Segundo nosso entendimento, a verificação desta hipótese pode ser abordada por duas vias diferentes, ambas vinculadas ao arcabouço teórico da Psicanálise, que tomo como campo de conhecimento capaz de oferecer valiosas contribuições para as reflexões da área educacional, mais precisamente, à do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, devido a concepção de sujeito postulada por aquele campo, que o institui como constituído por linguagem: A primeira via se refere à castração enquanto operação essencial à constituição subjetiva, e implica a incidência do significante Nome-do-Pai na suposta relação plena e ideal que a mãe mantém com seu filho, garantindo, a partir de então, a separação entre estes dois seres e a possibilidade de esta criança advir como sujeito e se posicionar no mundo organizado com/pela linguagem.

A segunda via toma a nomeação *lalangue*³ (Cf. Leite, N. 1996) como matéria original e fundadora do inconsciente, como “*sustentáculo da linguagem*” (Greco, 2005, p. 96) constitutiva e como “*figuração mais direta (...) [da] língua materna*” (Milner, 1987, p. 15), como fonte da língua-causa do sujeito do inconsciente. Nossa hipótese, a partir dessa constatação, se apoia em Moraes (2009), que afirma as línguas como extensões ou prolongamentos umas das outras, e propõe, então, que o idioma materno, suportado que é em *lalangue*, seja considerado como inscrição simbólica primitiva sem a qual não há possibilidade de apreensão de uma segunda língua/língua estrangeira, e que este ainda porta os efeitos/afetos de *lalangue* que reverberam, se estendem, sobre este novo idioma.

Assim sendo, *lalangue* não se faz presente somente na língua da primeira infância de um sujeito, mas em qualquer outra que ele se proponha a aprender, bem como na posição em que ele é colocado diante das situações de encontro com este idioma. No presente trabalho proponho um exame mais apurado desta via de abordagem, a partir da consideração de *lalangue*.

Lalangue se caracteriza por ser um “*saber anterior à fala*” (Moraes, 1999, p. 83), instaurado antes mesmo da instituição do significante-mestre. Ela “*guarda os efeitos dos afetos*” (*idem, ibidem*) e denota “*a maneira de inscrição, no sujeito, da sincronia primitiva dos elementos de linguagem, que vai escrever a língua [ou as línguas] para esse sujeito*” (*idem, ibidem*). Compartilhando as palavras de Greco (2005), *lalangue*

³ Apesar das conhecidas traduções do termo francês para o português – alíngua ou lalíngua – optei por manter o mesmo no original, *lalangue*, denotando, assim, a aproximação proposta por Lacan desta nomeação à palavra *lallation* (lalação) que propõe uma concatenação deste termo às emissões sonoras inteligíveis características do período infantil. Nas palavras de Haroldo de Campos (1995): “*Lalia, lalação, derivados do grego lalé, têm acepções de ‘fala’, ‘loquacidade’, e também por via do lat. Lallare, verbo onomatopéico, ‘cantar para fazer dormir as crianças’ (Ernout/Meillet); (...) toda área semântica que essa aglutinação convoca (...) corresponde aos propósitos da cunhagem lacaniana(...). O idiomaterno – Lalíngua – nos ‘afeta’ com ‘efeitos’ que são ‘afetos’, resume Lacan ...*” (p. 188, grifo do autor).

se refere a essa pré-língua, a essa pré-palavra, a essa matéria feita de afetos inteiramente enigmáticos, ainda próxima da Coisa (das [D]ing), de que nos dá provas a escuta das homofonias, o pensamento psicótico e a produção dos poeta (p.95).

Termo utilizado pela primeira vez por Jacques Lacan na lição de 04 de novembro de 1971, em seu seminário *Le Savoir du Psychanalyste* ([1971-1972] Inédito), e atribuído a um lapso, *lalangue*, enquanto designação do “*que há (...) de falta na língua*” (Costa-Moura, 2005), em qualquer língua, destaca o inconsciente em sua multiplicidade e no que este é estruturado como uma linguagem: “*Esse dizer provém apenas do fato de que o inconsciente, por ser ‘estruturado como uma linguagem’, isto é, como a língua que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas [as línguas] se distingue*” (Lacan, [1957] 2003, p. 492, grifo do autor).

O inconsciente, ele mesmo feito de *lalangue*, conforme pontua Lacan ([1972-1973] 1985, p. 188), é, assim, o lugar privilegiado de “*um saber, um saber-fazer com língua*” (p. 190), que ultrapassa o que se “*suporta de saber enunciado*” (*idem, ibidem*), por tal saber ser o “*que em grande parte (...) escapa ao ser falante*” (*idem, ibidem*): “*É nisto que o inconsciente, no que aqui eu o suporto com sua cifra, só pode estruturar-se como uma linguagem, uma linguagem sempre hipotética com relação ao que a sustenta, isto é, língua*” (*idem, ibidem*).

Marcada pela incompletude, pela equivocidade, pelo impossível, *lalangue*, campo irremediavelmente caracterizado pelo não-todo, assim como todas as línguas por ela afetadas, não se presta à comunicação, mas, antes, “*serve para coisas inteiramente diferentes*” (*idem, ibidem*) daquela, por se caracterizar mais como “*uma forma de tecer um esboço de laço social*” (Holthausen, 2009) e por ser “*incomparável a qualquer outra*” (Miller, 1996, p. 64), “*já que não existem dois ditos que sejam iguais*” (Holthausen, 2009).

Ela se constrói de possibilidades de equivocidades e mal-entendidos, de traços no inconsciente, ruídos, resíduos que servem de matéria para “*homofonias, homossemias, palíndromos, anagramas, tropos e todas as figuras imagináveis da associação*”⁴ (Milner,

⁴ Indico a definição usual de cada termo citado por Milner (*op. cit.*) para marcar a dimensão de equivocidade que eles contêm:

Homofonias – Semelhança de som ou pronúncia entre duas palavras.

Homossemias ou **Sinonímias** – Concordância dos diversos nomes dados a uma mesma coisa.

Palíndromos – Palavra ou verso cujo sentido é o mesmo, quer lido da direita para a esquerda ou vice-versa.

Anagramas – Palavra ou frase feita com as letras de outra.

Tropo – Emprego de uma palavra em sentido figurado.

(Fonte: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa – Cf. bibliografia).

1987, pp. 64 e 65), “*tudo o que suporta o duplo sentido e o dizer em meias-palavras, incessante tecido de nossas conversações*” (*idem*, p. 13), a priori esvaziados em seus sentidos, fora de toda referência e de toda significação, constituindo-as somente “*no lampejo do instante, na centelha momentânea instituída pelo corte*” (Leite, C. 2005, p. 149).

A tentativa de articular esta nomeação à língua estrangeira, a partir da hipótese de aquela se estabelecer graças à matriz simbólica implantada pela língua materna, considerada por nós como diretamente afetada por *lalangue*: “*alíngua dita materna, e não por nada dita assim*” (Lacan, [1972-1973] 1985, p. 188); por “*designar o que é a ocupação de cada um de nos*” (*idem, ibidem*), reflete, de acordo com nossa perspectiva, que os componentes de *lalangue* ressoam, também, no idioma estrangeiro, bem como no conforto ou desconforto do sujeito ao se defrontar com ele, principalmente em situações de aprendizagem.

Se “*tudo que elaboramos da linguagem vem do inconsciente como lalangue*”, (Greco, 2005, p. 96), e se é a língua materna que suporta esta *lalangue*, o encontro do sujeito com um idioma estranho ao de sua primeira infância implica, também, um trabalho de elaboração da linguagem, que remete à língua da primeira infância, confrontando-a, e que não pode, assim, se esquivar das imposições de *lalangue* e de seu funcionamento.

Nina Leite (1995) indica que uma íntima articulação entre língua materna e *lalangue* só é possível graças à hipótese de haver uma outra associação, também profunda, entre inconsciente e língua, tomada a partir da consideração de a língua materna, marcada pelos efeitos/afetos de *lalangue*, ser “*aquela que introduz o sujeito no simbólico*” (p. 68), lhe concedendo, então, os pré-requisitos e suas afecções para o encontro com outros idiomas, diversos daquele.

Lalangue, assim, tem papel preponderante na estruturação do inconsciente, na constituição subjetiva, na inscrição do sujeito em sua língua materna e, conseqüentemente, nas relações que ele estabelece como os idiomas outros, estranhos aquele da primeira infância.

É ela que que conturba o ‘corpolingüagem’⁵ do sujeito, ultrapassa as intenções do falante, instaura o estranhamento. Graças a sua operação, dizer

mais do que se sabe, não saber o que se diz, dizer outra coisa do que o que se diz, falar para nada dizer, não são mais, no campo freudiano, as falhas da língua que justificam a criação das línguas formais. São propriedades inelimináveis e positivas do ato de falar (Miller, 1996., p. 62).

⁵ O termo ‘corpolingüagem’ se refere ao atravessamento do Real do corpo pelo Simbólico da linguagem, e denota a impossibilidade de plena conjunção entre estas duas heterogeneidades. É sobre o corpo assim constituído que a Psicanálise opera.

Tomo, a partir de agora, a proposição de Jean-Claude Milner em *Os Nomes Indistintos* (2006), que indica *lalangue* como o nó: “A **própria** alíngua é o nó” (p. 31, grifo do autor), em uma clara referência ao nó borromeano, noção topológica que apresenta como exigência mínima e imprescindível a existência de três consistências ou elos homogêneos: “A cifra de três é o limiar, se posso dizer assim, da exigência própria do nó” (Lacan, [1975-1976] 2007, p. 33); que, apesar de absolutamente distintos, se equivalem quanto à função e ao valor, e que se enlaçam, se caracterizando pela propriedade de a ruptura de apenas uma destas consistências soltar todas as demais, fazendo-as, todas, independentes umas das outras.

No que respeita à Psicanálise, tal noção topológica pode, segundo Lacan ([1972-1973] 1985) “servir para representar para nós essa metáfora tão divulgada para exprimir o que distingue o uso da linguagem – a cadeia, precisamente” (p. 173).

Esta analogia, proposta pela primeira vez pelo psicanalista francês na lição de 09 de fevereiro de 1972, no seminário *...Ou Pire* ([1971-1972] Inédito), serve, também, para representar *lalangue*, que reflete a própria formação do nó, no que o encontro assim amarrado torna-se “indissolavelmente causa de equívoco” (Milner, 2006, p. 41) ao proceder enlace dos três registros que compõem o espaço habitado pelo sujeito falante, as três diz-mansões (*dit-mansions*) (Cf. Lacan, [1971] 2003, p. 21) que definem o “objeto da descoberta freudiana” (Moraes, 1999, p. 81), ou seja, o inconsciente: são elas o Real (R), o Simbólico (S) e o Imaginário (I).

Sobre isso, Cláudia Leite (2005) indica

que esse nó é formado por três buracos que são R, S, I (...) [e que] Milner (1983 [2006]) nos conduz a pensar o **encontro borromeano** marcando que não há supremacia de nenhum dos registros, assim como não há começo no nó, o que faz com que as relações entre os registros só possam ser estabelecidas como algo que é labiríntico (p. 148, grifo da autora).

Solidário que é a *lalangue*, tal enodamento é o que permite, para o sujeito, que se faça laço: que haja a organização da realidade, a constituição dos efeitos de sentido e dos pensamentos e a relação entre os seres falantes, pois “apenas o nó é o suporte concebível de uma relação entre o que quer que seja e o que quer que seja” (Lacan, [1975-1976] 2007, p. 37).

Ao afirmar *lalangue* como nó necessário entre os três registros responsáveis pela ordenação do espaço habitado pelo sujeito, ele mesmo dividido no nó e suposto do que divide

tal nó⁶, por ser determinado pelo inconsciente, aceitamos haver algum aspecto seu tocando cada uma destas dimensões: algo de *lalangue* tocando o Imaginário (*lalangue* como o que promove laço/relação), algo dela tocando o Simbólico (*lalangue* como encarnação do simbólico: o “*Um encarnado na alíngua*” (Lacan, [1972-1973] 1985, p. 196)) e algo dela tocando o Real (*lalangue* como o “*impossível que brota do manejo dos signos, dos signos positivos, materiais de que uma língua é feita*” (Costa-Moura, 2005))

Acompanhando o ensino de Milner (*op. cit.*), é possível observar, ainda, as incidências de *lalangue* nestas três instâncias, além de seu posicionamento no que se refere às três suposições básicas solidárias aos registros R, S e I (pp. 07 e 08), que remetem à instauração da faculdade simbólica e, conseqüentemente, à constituição do sujeito de linguagem:

1. Há – suposição que se distingue como gesto de corte inaugural – corte caracterizado como um “*rasgão que, atravessando uma superfície, a subverte irremediavelmente*” (*idem*, p. 20) –, sem o qual só haveria um fluxo contínuo e indistinto, e que permite, a partir de seu ato, haver qualquer existência – articula-se ao Real.

2. Há *lalangue*, saber que precede, permite e determina a instauração do campo da linguagem – suposição que possibilita todos os dizeres, inclusive os que tratam das próprias suposições – articulado ao Simbólico.

3. Há semelhante – suposição determinante do laço, das relações, sejam elas quais forem: “*relação entre indivíduos (...), relação entre coisa nomeada e nome*” (*idem*, p. 31) – que se articula ao registro do Imaginário.

No que respeita ao Imaginário, instância que remonta à constituição da imagem corporal que o sujeito faz de si e de seus semelhantes, o “*que faz corpo*” (Leite, C. 2005, 152), unidade, “*o lugar das ilusões do eu, da alienação*” (Moraes, 1999, p. 81), quando encerrando a hipótese de *lalangue* em sua abordagem, fica implicada a existência de relações, quer entre nome e coisa nomeada, “*o que nomeamos significação e referência*” (Milner, 2006, p. 31), quer entre seres falantes, “*o que nomeamos comunicação*” (*idem, ibidem*).

Em decorrência disso, este registro solidariza-se à linguagem, modalidade que, assentada em sua própria existência é, ela mesma, “*propriedade, naturalmente distintiva e própria, de uma espécie no seio das espécies reconhecidas*” (*idem, ibidem*). Em *O Amor da Língua* (1987), Milner já asseverava tal perspectiva ao questionar se

⁶ Cf. Lacan, lição de 19 de Março de 1974 do seminário sobre *Les Non-Dupes Errent* ([1973-1974] Inédito).

a linguagem sustenta-se de fato em outra coisa além deste momento em que o ser falante apreende-se reflexivamente como tendo congêneres, que formam classe com ele e distinguem-se em um universo? Em resumo, existe outro fundamento além do espelho e da imagem do semelhante que aí se constrói? (p. 16).

No tocante à dimensão do Simbólico, que encerra o “*lugar do significante*” (Moraes, 1999, p. 81) e dos efeitos de sentido, a segunda das suposições alistadas, a de haver *lalangue*, remete à língua, quer a tratemos como uma língua dita materna quer a observemos como uma outra, tida como estrangeira. Tal articulação pode, ainda, ser observada, partindo-se da condição especial de todo e qualquer idioma de se caracterizar como portador de atributos de ordem simbólica e significante e por possuir, como uma de suas distinções, o caráter de produzir equívocos e mal-entendidos nos jogos de fala. “*Alíngua é, em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco*” (Milner, 1987, p. 15). O campo da fala é, a propósito, caracterizado por Lacan, na lição de 02 de dezembro de 1971, no seminário sobre *Le Savoir du Psychanalyste* ([1971-1972] Inédito), como campo da incompreensão, do qual a chave operatória é *lalangue* em ação.

Como miticamente anterior às propriedades referentes ao inconsciente e ao sujeito e fundante destas, a língua, responsável por “*articular a matriz da realidade*” (Milner, 2006, p. 17), é a operação que concede a *lalangue* “*o que lhe é necessário para que uma coleção qualquer de seres falantes subsista. A saber, o mínimo de permanência que todo contrato exige e do qual a escrita se faz de bom grado suporte*” (*idem*, 1987, p. 16).

A língua é, ainda, a materialidade que suporta o não-todo de *lalangue*, que é, por sua vez, uma língua, ela mesma, não-toda: “*Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela*” (Lacan, [1957] 2003, p. 492). É de *lalangue* que a língua, “*substância do simbólico (...) [e] causa material de todo discernimento*” (Milner, 2006, p. 23), recolhe todo o material para suas operações, que tendem a suscitar o estranhamento no sujeito falante que, quando ultrapassado em suas intenções conscientes por elementos de seu próprio idioma, observa quão estranho é o que lhe parecia mais intimamente familiar.

No tocante ao registro do Real, elemento irrepresentado e irrepresentável no inconsciente e que remete à “*ligações incoerentes que caem no esquecimento e não entram no ciclo da simbolização*” (Sartore, 2006), instância que assinala o corte inaugural de/e qualquer possibilidade de existência e que se distingue da realidade⁷, *lalangue*, a modalidade presente

⁷ A realidade, diferente do Real que se caracteriza por não ser passível de representação ou simbolização,

neste registro assim como a linguagem está para o Imaginário e a língua para o Simbólico, impõe a condição de jamais serem esgotáveis “*nem os efeitos de comunicação, nem os espaçamentos dos discerníveis*” (Milner, 2006, p. 32) que marcam todos os discursos e dizeres com um além, “*Um a mais*” (*idem, ibidem*), ou um aquém, “*Um a menos*” (*idem, ibidem*), que insiste, faltando ou ultrapassando o que é dito, que nega ao falante “*o domínio dos ecos multiplicados de seu dizer*” (*idem, ibidem*) e notifica que “*sempre permanece algo que não se diz*” (*idem, ibidem*). Tal é, pois, a natureza do “*real [que] insiste nas redes de alíngua, como convém ao que, por si, não resulta nem da conta imaginária, nem do cálculo simbólico*” (*idem, ibidem*).

Milner (*op. cit.*) resume a propriedade de enodamento borromeano dos registros, marcando que o nó é igualmente Real (impossível do desenodamento), Simbólico (distinção entre R, S e I) e Imaginário (anéis como realidades manejáveis) (p. 10), ao indicar que

é impossível – é o real do nó – desfazer um dos círculos, sem que, pelo mesmo golpe, os outros dois – eles são distinguíveis: é o simbólico do nó – fiquem soltos. Assim, imaja-se para a representação – é o imaginário do nó – o seguinte: nada existe como real que não deva como tal se escrever – a ponto de aí valer o impossível de ser escrito – e se representar – a ponto de aí valer o irrepresentável (*idem, ibidem*).

Elemento presente nos três registros e responsável pelo atamento do nó, além de ser um de seus elos, o correspondente a S, *lalangue* pode ser designada, assim, como “*um encontro contingente entre Real, Simbólico e Imaginário*” (Moraes, 1999, p. 85), de modo que os “*efeitos ou as incidências de um registro sobre o outro constituem a singularidade da língua de cada um*” (*idem, ibidem*).

Lalangue, assim, denota a originalidade da produção de linguagem/língua em cada um. A esse respeito, Lacan aponta, na lição de 18 de dezembro de 1973 do seminário *Les Non-Dupes Errent* ([1973-1974] Inédito), a impossibilidade que há para o sujeito de linguagem de situar-se fora desta dimensão de entrelaçamento e que cada um tece, a sua maneira e ao longo de sua vida, seu próprio nó.

E o inconsciente, responsável pela articulação entre R, S e I à maneira de um nó, feito que é de *lalangue*, apresenta, ainda, a característica de não ser, conforme afirma Melman (1992), “*nem nacionalista, nem xenófobo*” (p. 16), tendo em vista que esta *lalangue* que o constitui não é formada por palavras de uma língua específica, por se configurar como um saber que antecede qualquer referência à palavra, à linguagem e à língua.

Ela contém, antes, marcas inconscientes de sons e de balbucios: “*herdeiros do amontoado disforme do Real*” (Leite, C. 2005, pp. 151 e 152); ecos da fala do Outro: *lalangue* como “*depósito, (...) coletânea dos traços dos outros ‘sujeitos’*” (Miller, 1996, p. 69); resíduos não simbolizados, ruídos significantes, rastros que capturam o corpo: “*algo que resta indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, mesmo todo o pensamento*” (Lacan, [1972-1973] 1985, p. 196), matéria que constrói ambigüidades, equivocidades e toda sorte de mal-entendidos, subvertendo, assim, qualquer relação entre som e sentido: “*poeira indistinta que (...) repercute (...) e convoca o corpo*” (Leite, C. 2005, p. 151). *Lalangue* é o “*espaço onde alguma coisa se sabe*” (Duarte, 2007).

Todos estes elementos, por não serem fonematizados: “*não há voz própria a fazer escutar das profundezas o desejo*” (Melman, 1992, p. 35); apresentam-se, assim, como pura escritura, não podendo prescindir, portanto, jamais, da dimensão da fala, “*que dá voz ao inconsciente*” (Leite, N. 1995, p. 68): “*Lalangue é do domínio onomatopaico: não mais uma língua arbitrária, mas motivada. É uma forma de satisfação que não depende da significação*” (Holthausen, 2009)

Considerando, como o fazem Denise Lachaud (1991 *apud* DUARTE, 2007 e 1998 *apud* MORAES, 1999) e Maria Rita Salzano Moraes (1999), que a língua que se convencionou chamar de materna também pode se instituir como uma estrangeiridade para o sujeito de linguagem, no momento em que, ao ultrapassá-lo em suas intenções conscientes com elementos de sua própria língua, causa-lhe estranhamentos, temos como confirmar a hipótese levantada por Moraes (2009) e abraçada por este trabalho, de que as línguas estão além de limites territoriais, que suas relações não são estratificadas, mas se dão como extensões, prolongamentos umas das outras, e que, ainda, todas elas são estrangeiras no que se refere à matriz significante instaurada por *lalangue*, sem a qual nada existiria para o ser humano e a partir do que se desdobram todas as referências deste campo simbólico para o sujeito, tais como a linguagem, a língua e a fala.

Todos os idiomas são, portanto, manifestações do mesmo campo simbólico, o campo da linguagem, que se caracteriza como “*o que se tenta saber concernentemente à função de alíngua*” (Lacan, [1972-1973] 1985, p. 189), como uma construção da ciência para dar conta desta língua não-toda: “*A linguagem é o resultado de um trabalho sobre alíngua. É uma construção d’alíngua*” (Miller, 1996, p. 68). A linguagem é, assim, ela mesma, “*sem dúvida, (...) feita de alíngua*” (Lacan, [1972-1973] 1985, p. 190), e marcada por seus “*efeitos que são afetos*” (*idem, ibidem*).

Lalangue é, portanto, o que faz eco tanto na língua que um sujeito considera como

materna, quanto em uma outra, que ele busca aprender e que indica como estrangeira no que se refere àquela, tendo, também, papel preponderante na relação de aprendizagem estabelecida por ele com este novo idioma:

Aprender uma língua estrangeira é ser confrontado com o estranhamento da língua materna, e, mais ainda, com a recusa de um entendimento que nunca se estabelece como completo. O que se traduz de uma língua para outra não está em nenhuma, e o que não se pode traduzir está em todas elas, e aquilo que dinamiza essa verdade é a *lalangue* em ação (Duarte, 2007).

As afecções de *lalangue* nos desdobramentos da linguagem, assim, podem ser observadas, no que respeita à aprendizagem de línguas estrangeiras, nos esquecimentos de termos ou expressões do idioma alvo, que atestam o interdito imposto por ela a termos da língua primeira. Podem, também, ser percebidas em lapsos, que marcam a forte filiação subjetiva aos recortes simbólico e afetivo do idioma primeiro, ou, ainda, na negação do movimento de ruptura solicitado por este processo, na recusa em adentrar no novo espaço de expressão inaugurado pelo novo idioma, em um tipo de evitação ou boicote inconsciente à apreensão da nova língua. E tudo isso atesta as marcas de *lalangue* em ação.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, H. O Afreudisíaco Lacan na Galáxia de Lalíngua (Freud, Laca e a Escritura). In: Cesarotto, O. (org.). **Idéias de Lacan**. São Paulo: Iluminuras, 1995. p. 175-195.

COSTA-MOURA, F. (2005) **Manifestos de quem não tem o que dizer: Adolescentes e os graffiti de rua**. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282005000100010&lng=pt&nrm=>>. Acesso em 11 de novembro de 2009.

Dicionário Priberam Online da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>.

DUARTE, C. V. **A Construção da Identidade na Discussão de Alguns Erros em Língua Estrangeira**. UNICAMP, 2007.

GRECO, M. G. A Letra em seu Devido Lugar. **Aletria: Revista de Estudos Literários**. v. 12, abril/2005, p. 93-99.

HOLTHAUSEN, M. **Lalíngua ou Alíngua: pequena introdução**. Não publicado, 2009.

LACAN, J. **O Seminário, livro 23: O Sinthoma**. Trad. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2007 [1975-1976].

_____. **Les Non-Dupes Errent**. Não publicado [1973-1974].

_____. **O Seminário, livro 20: Mais, ainda.** 2. ed. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985b [1972-1973].

_____. Lituraterra. In: **Outros Escritos.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003 [1971]. p. 14-25.

_____. **Le Savoir du Psychanalyste/...Ou Pire.** Não publicado [1971-1972].

_____. O Aturdido. In: **Outros Escritos.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003 [1957]. p. 448-497.

LACHAUD, D. A Língua Materna e a Divisão do Sujeito. In: SOUZA, A. M. (org.). **Psicanálise de Crianças**, v. 1, Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LEITE, C. Sobre a Tessitura dos Nomes: Poeira e Labirinto. In: LEITE, N. (org.). **Corpolinguagem: A Estética do Desejo.** Campinas: Mercado das Letras, 2005. p. 143-154.

LEITE, N. O que é “Língua Materna?”. **Anais do IV Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA).** Campinas: UNICAMP, 1995. p. 65-68.

_____. **Lalíngua Má-terna.** UNICAMP, 1996.

MELMAN, C. **Imigrantes: Incidências Subjetivas das Mudanças de Língua e País.** São Paulo: Editora Escuta, 1992.

MILLER, J-A. **Matemas I.** Trad. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. 200 p.

MILNER, J-C. **O Amor da Língua.** Trad. Ângela Cristina Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. **Os Nomes Indistintos.** Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

MORAES, M. R. S. **Materna/Estrangeira: o que Freud fez da Língua.** 1999. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 1999.

_____. **O Fracasso do Equívoco é o Amor.** UNICAMP, 2009.

REVUZ, C. A Língua Estrangeira entre o Desejo de um Outro e o Risco do Exílio. In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.** 2. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2002. p. 213-230.

SARTORE, A. R. (2006) **Escrita e Angústia.** Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100019&script=sci_arttext>. Acesso em 11 de novembro de 2009.